OPINIÃO

Uma ameaça crescente

Paulo Baldin (*)

A história até parece roteiro de ficção científica. Há quase 40 anos, Basit Farooq Alvi e Amjad Farooq Alvi, dois irmãos paquistaneses criaram o Brain, considerado o primeiro vírus de computador do mundo.

O objetivo do vírus era proteger o software médico que haviam criado contra cópias não autorizadas, mas, no entanto, ele acabou se espalhando amplamente via disquetes, invadindo computadores que utilizavam o sistema MS-DOS e modificando o boot dos computadores (o processo de inicialização da máquina).

Naquele momento, ninguém imaginava que a ação "bem-intencionada" dos irmãos traria um novo elemento para o mundo da tecnologia, impactando diretamente o dia a dia de pessoas, empresas, instituições, dentre outras: as ameaças cibernéticas.

Aqui, não estamos falando dos vírus de computador, como o famoso I Love You, que se espalhava por e-mails e causou muita dor de cabeça nos anos 2000, quando infectou máquinas e corrompeu arquivos. Mas das grandes ameaças cibernéticas que começaram a crescer e tomar proporções inimagináveis a partir dos anos 2010.

Ao longo desses quase 15 anos, vimos o surgimento de ameaças cibernéticas extremamente destrutivas, como os ataques DDoS, também conhecidos como ataques de negação de serviço, onde botnets bombardeiam sites e servidores com solicitações, até que eles fiquem lentos, instáveis ou caiam; os ataques ransomware, também conhecidos como sequestros de dados; e o phishing, que tem como objetivo roubar dados e informações de pessoas e empresas.

Essas ameaças geraram alguns momentos emblemáticos na história da cibersegurança, como os ransomware WannaCry, que explorou uma vulnerabilidade do Windows, infectando mais de 230.000 computadores em 150 países, e o NotPetya, um ataque de ransomware, disfarçado como um ataque financeiro, que na verdade era destinado a destruir dados e teve grande impacto em empresas globais, ambos em 2017.

Contudo, assim como os vírus de computador deram lugar aos ataques DDoS, ransomware e phishing, a tendência é que essas ameaças também deem lugar a ameaças ainda maiores.

O mais emblemático, é que já estamos vendo no horizonte o surgimento de algumas delas, principalmente a partir de 2022, com o início da Guerra da Ucrânia. São ataques hackers ainda mais amplos, complexos e avançados, que, desta vez, miram infraestruturas críticas, como saúde e logística, muitas vezes realizadas por países.

É verdade que não existem provas concretas, mas existem diversas ocorrências recorrentes envolvendo grupos hackers patrocinados por importantes nações. Trata-se de uma verdadeira guerra mundial cibernética, que ocorre de forma silenciosa e discreta.

A grande questão é que, ao termos Estados patrocinando ou apoiando grupos hackers, damos condições das ameaças se tornarem ainda mais destrutivas.

Já estamos vendo algumas tecnologias ganhando força, como a própria Inteligência Artificial e a Computação Quântica, que, provavelmente, serão fontes de ameaça no futuro.

Cabe, portanto, aos países, empresas e pessoas se anteciparem a essas ameaças, de forma a se prepararem e se capacitarem para lidar com elas.

Infelizmente, o Brasil ainda precisa percorrer uma longa estrada. Empresas e instituições ainda não se prepararam para isso, seja por falta de capital ou, até mesmo, de maturidade tecnológica para entender que a ameaça cibernética é real e que, cedo ou tarde, baterá à porta.

Individualmente, precisamos criar uma educação cibernética desde cedo, ensinando crianças e jovens sobre ameaças e proteções.

Caso contrário, aqueles cenários de ficção científica devastadores que vemos em filmes podem se tornar realidade, infelizmente.

(*) CISO & CTO da Flipside, responsável pelo Mind The Sec.

US Navy: militares instalam rede clandestina a bordo de um navio

Militares deslocados para locais remotos passam por muitas dificuldades, incluindo, nesta era digital, acesso limitado ou inexistente à internet.

Vivaldo José Breternitz (*)

serengeti130_CANVA

Para superar essa dificuldade, um grupo de "chiefs" – graduação da Marinha americana semelhante à de sargento – em março de 2023 instalou clandestinamente uma rede Wi-Fi alimentada pelos serviços da Starlink no USS Manchester, um navio que ficaria algum tempo no oeste do Pacífico.

Usando a rede, os militares podiam desfrutar de todos os serviços disponíveis na internet, desde trocar emails com familiares e amigos a acessar redes sociais, assistir filmes etc. Foi preciso instalar uma antena no convés do navio, tendo os militares gasto cerca de US$ 2.800 para deixar a rede operacional.

Em um certo momento, começaram a surgir desconfianças a bordo do navio – parecia haver nele algo estranho, mas o esquema desmoronou em agosto de 2023, quando um funcionário civil da Marinha que havia embarcado para instalar um sistema de comunicações, notou a antena Starlink.

A mais graduada e líder dos cerca de quinze militares envolvidos era a Senior Chief Petty Officer Grisel Marrero, há 22 anos na Marinha - uma investigação acabou descobrindo toda a história, e Marrero foi submetida a uma corte marcial e rebaixada; outros envolvidos receberam punições menores.

As penas acabaram sendo leves, pois a conexão Starlink poderia colocar em risco a segurança do navio e da tripulação. "A ameaça que esses sistemas representam para a tripulação, o navio e a Marinha não pode ser subestimada", como constou em relatório acerca da corte marcial.

É surpreendente como cuidados com a segurança são deixados de lado, até mesmo no ambiente militar de um país potencialmente envolvido em conflitos e frequentemente alvo de ataques terroristas.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor da FATEC SP, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitz@gmail.com.

Falta de conhecimento é o maior obstáculo para as empresas adotarem IA, aponta Pipedrive

A Pipedrive divulgou seu relatório State of AI in Business, que examina a adoção e o uso de ferramentas de Inteligência Artificial (IA) entre empresas globais. O relatório, baseado em uma pesquisa com 500 donos de empresas e líderes, fornece *insights* sobre como eles pensam enquanto lutam para automatizar com eficácia tarefas rotineiras, aumentar a produtividade e ter ideias mais aprofundadas.

4X-image_CANVA

As principais conclusões incluem:

ChatGPT é a ferramenta líder para empresas

O relatório da Pipedrive revela que o ChatGPT está na liderança em termos de adoção, com 86% das empresas que usam GenAI afirmando que utilizam o principal assistente virtual da OpenAI. Siri (24%), Google Assistant (19%), Microsoft Copilot (17%) e Google Gemini (17%) completam os cinco primeiros colocados.

Apenas 6% das empresas usam Claude by Anthropic e 3% usam Perplexity, o que indica que há espaço para crescimento para essas plataformas.

A falta de conhecimento e confiança são barreiras

O estudo da Pipedrive destaca desafios significativos para uma adoção mais ampla. Quase metade das empresas (48%) citou a falta de conhecimento como o principal obstáculo à adoção da IA. A confiança na IA (40%), a privacidade dos dados (27%) e os riscos de segurança (26%) também surgiram como preocupações significativas.

Notavelmente, apenas 4% dos entrevistados apontaram a "resistência dos *stakeholders*" como uma barreira, indicando um forte interesse na adoção da IA por parte de investidores, parceiros e outros que atuam nos bastidores.

"Na Pipedrive, entendemos que as pequenas empresas precisam de ferramentas poderosas, mas acessíveis, para prosperar no cenário competitivo atual. Nossas soluções baseadas em IA são projetadas para simplificar processos complexos, permitindo que as empresas aproveitem todo o potencial da IA para obter produtividade e eficiência sem precedentes. Integrando a IA em suas operações diárias, estamos capacitando as pequenas empresas a tomarem decisões mais inteligentes, otimizarem recursos e alcançarem suas ambições de crescimento mais rápido do que nunca", afirma Dominic Allon, CEO da Pipedrive.

O relatório da Pipedrive também examina como a IA está sendo implantada atualmente nos fluxos de trabalho de pequenas e médias empresas, além dos fatores motivadores para sua adoção:

O conteúdo é rei: as aplicações de IA mais comuns entre as empresas incluem criação de texto e conteúdo (75%), resumo de conteúdo (52%), transcrições (29%), pesquisa (24%) e geração de relatórios de vendas (17%). Apenas 8% das empresas utilizam atualmente IA para *lead scoring* (atribuir pontuação aos leads), indicando potencial de crescimento nesta área.

A produtividade é o objetivo: Entre as empresas que adotaram a IA, 79% relataram o aumento da produtividade como sua principal motivação. Coletar insights (42%) e melhorar as interações e a satisfação dos clientes (41%) também foram fatores importantes. Ao contrário da crença popular, apenas 22% das empresas veem a IA como uma medida de redução de custos.

O relatório State of AI in Business da Pipedrive faz parte do compromisso contínuo da empresa em capacitar as empresas com insights e ferramentas que impulsionam o sucesso. À medida que a IA continua a evoluir, a Pipedrive continua focada em fornecer soluções que atendam às necessidades de empresas de todos os tamanhos, garantindo que elas permaneçam à frente da curva em um cenário cada vez mais competitivo. O relatório completo pode ser encontrado em (https://www.pipedrive.com/en/newsroom/sales-insight-reports).

News @TI

Solução possibilita perguntas para o ERP por aplicativos de mensagem

@Uma ferramenta lançada nesta semana agora permite que os gestores conversem de forma humanizada pelo WhatsApp com o ERP, que utiliza essa base de dados para dar respostas sobre diferentes processos da empresa. A solução se chama Mik Especialista e foi desenvolvida pela WK. A Mik Especialista é a integração da Mik, inteligência artificial generativa já incorporada ao WK Radar, ERP da WK, a aplicativos de mensagens instantâneas (WhatsApp e Telegram). "Entendemos que a inteligência artificial deve ir além de realizar atividades repetitivas. Ela deve ser mais uma pessoa sentada na mesa para ajudar a tomar decisões", afirma Lucas Bernardes, Product Owner da WK. A inspiração para o novo produto veio desse entendimento. A Mik Especialista é alimentada diretamente pela base de dados da empresa gerenciada pelo WK Radar e fornece informações específicas sobre finanças. A partir do cadastro inicial e permissões concedidas, o usuário pode adicionar o número da Mik Especialista no aplicativo de mensagens e mandar uma mensagem. Ela vai reconhecer automaticamente o contato cadastrado e identificar qual base de dados acessar.

App sem código? Conheça seis aplicativos desenvolvidos a partir de ferramentas no-code

A NoCode Startup vem se destacando no mercado digital, oferecendo métodos de ensino democráticos e acessíveis para empreendedores e corporações que desejam criar seus próprios sistemas, sem depender de programadores.

"Com o no-code, qualquer pessoa pode transformar uma ideia em um aplicativo funcional, sem depender de equipes especializadas ou investir grandes quantias de dinheiro. Estamos comprometidos em democratizar o acesso, oferecendo soluções acessíveis para empresas de todos os portes", reforça **Matheus Castelo Branco, fundador da NoCode Startup e embaixador da FlutterFlow.**

Confira abaixo alguns aplicativos criados a partir de recursos no-code:

1. A.B Money Mediation: plataforma que disponibiliza sons para meditação, leitura de cartas de tarô e outras funcionalidades focadas no bem-estar.

2. Atlas: app de gestão de crédito focado, principalmente, na região dos Estados Unidos.

3. Tagalong: responsável por conectar atletas a coaches e treinadores para melhora no rendimento.

4. Player Finder: aplicativo que realiza conexões entre jogadores para competições online.

5. Coin App: plataforma focada no controle e gestão das finanças pessoais.

6. Smart Watch: app exclusivamente desenvolvido para a conexão com smartwatches, visando controlar a saúde do usuário.

Empresas & Negócios **José Hamilton Mancuso (1936/2017)** **Laurinda Machado Lobato (1941-2021)** Responsável: **Lilian Mancuso**

Editorias
Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); *Ciência/Tecnologia:* Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); *Livros:* Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Editoração Eletrônica:* Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

ISSN 2595-8410

Jornal Empresas & Negócios Ltda
Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.